

## A PERCEPÇÃO DAS PROFESSORAS DAS ESCOLAS DO CAMPO DO TERRITÓRIO PORTAL DO SERTÃO SOBRE À VIOLÊNCIA DE GÊNERO

*Eixo Temático: Diálogos sobre a Violência contra as Mulheres: Educação,  
Políticas Públicas, Proteção e Enfretamento.*

Tatiane dos Santos Moreira <sup>1</sup>  
Tatiana dos Santos Moreira <sup>2</sup>  
Sandra Santos de Araújo <sup>3</sup>  
Ana Clarice Estrela <sup>4</sup>  
Rosane M. V. de Jesus <sup>5</sup>

### RESUMO

Este trabalho apresenta o resultado das análises das informações do Projeto de Intervenção do Programa de Mestrado Profissional em Educação e Diversidade da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), requisito para obtenção do grau de Mestre. Foi utilizado como instrumento da pesquisa o grupo focal, tendo como público os professores da Educação Básica. O objetivo geral, entender quais as percepções de violência de gênero e as possíveis contribuições da escola no enfrentamento a esta violência presentes nas construções discursivas do grupo focal. A pesquisa foi de abordagem qualitativa e participante. Os referenciais teóricos foram utilizados Morgan (1997) e Trad (2009), Saffioti (2015), Davis (2016) e Gonzalez (1984). O resultado foi a necessidade de um curso de formação para professores.

**Palavras-chave:** Violência contra mulher; Escola do campo; Feminismo negro; Grupo focal; Formação de professores

### INTRODUÇÃO

O município de Feira de Santana, segundo estimativas do IBGE (2019), contou com população de 614.872 habitantes, distribuídos numa área de 1.337,993 Km<sup>2</sup>. Segundo a Organização Mexicana Justiça e Paz (2018) das 50 cidades com maiores índices de violência do planeta 17 são brasileiras, sendo Feira de Santana a 9<sup>o</sup> posição no

---

<sup>1</sup>Mestre pelo Curso de Educação e Diversidade da Universidade Estadual da Bahia- MPED/UNEB, [moreiratatis@gmail.com](mailto:moreiratatis@gmail.com);

<sup>2</sup>Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação – GESTEC/UNEB, [tatiana.juju.2@gmail.com](mailto:tatiana.juju.2@gmail.com);

<sup>3</sup>Mestranda do Curso de Educação e Diversidade da Universidade Estadual da Bahia- MPED/UNEB, [sandra.jus12@gmail.com](mailto:sandra.jus12@gmail.com);

<sup>4</sup>Professora da Secretaria Estadual de Ensino - SEC/Bahia, [aninhaestrelasb@hotmail.com](mailto:aninhaestrelasb@hotmail.com),

<sup>5</sup>Professora orientadora: Doutora em Educação FACED/ UFBA. [rmvieira@uneb.br](mailto:rmvieira@uneb.br)

*ranking* nacional. Corroborando com essa informação o Centro Integrado de Comunicações (CICOM) - Portão do Sertão no ano de 2019 a 24/06/2020, no disque 190 sobre violência contra mulher, foram registrados 4.451 lesões corporais, 2.362 ameaças de mortes; 272 descumprimentos de medidas protetivas e 86 estupros.

A escolha pela cidade e o local para a aplicação da pesquisa, foi por estar inserida profissionalmente no ensino da escola do campo, e por perceber o distanciamento das redes de proteção da sede urbana à zona rural e a construção histórica/ social permeadas pelo machismo e autoritarismo dos homens.

Com base na perspectiva do Materialismo Histórico e Dialético, foi possível responder às indagações pertinentes ao objeto desta pesquisa, que se fundamentou na emancipação humana, nas lutas de classes, em específico, a violência contra mulher negra. Daí a importância da escola, enquanto um dos espaços formadores de opiniões e transmissora de conhecimento, ser um vínculo entre o conhecimento e ação contra hegemônica da subjugação feminina.

As escolas escolhidas foram da rede Estadual de ensino, pertencente a zona campestre de Feira de Santana indicadas pelo NTE - 19 por possuírem ações alusivas ou interesse pela temática. São elas: Colégio Estadual do Campo Cônego Cupertino de Lacerda-distrito Bonfim de Feira; Colégio Estadual do Campo de Jaguará-distrito Jaguará; Colégio Estadual do Campo Padre Henrique Alves Borges-distrito Humildes.

### **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

A trajetória metodológica utilizada foi a exploratória por meio de uma abordagem qualitativa, que segundo Creswell (2010), consiste em um meio para explorar e entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema humano ou social.

No caso deste estudo, os professores que compõem o colegiado escolar das três unidades selecionadas. A escolha desses membros foi a necessidade de obter uma amostra das experiências e perspectivas das unidades escolares a respeito da violência de gênero no contexto da escola do campo.

Para a pesquisa exploratória, optou-se pelo método histórico-dialético. Triviños (2012) relata que este método visa ampliar a experiência do pesquisador em torno de um determinado problema e o aprofundamento de uma tese.

Com relação à sua natureza, o estudo teve caráter de pesquisa aplicada, pois para Hetkowsky et al. (2014) foi o envolvimento do pesquisador com o locus de pesquisa e seus sujeitos (engajamento) que determinou a identificação de problemáticas e as

possibilidades de contribuições. A partir dessas afirmações, o objetivo desta intervenção visou entender as percepções de violência de gênero e as possíveis contribuições da escola no enfrentamento a esta violência presentes nas construções discursivas do grupo focal.

O planejamento de coleta de informações foi através do instrumento Grupo focal, no qual tivemos a possibilidade de ouvir vários sujeitos ao mesmo tempo, além de observar as interações coletivas Morgan (1997).

Em virtude da Pandemia do novo coronavírus foi necessário o manuseio de tecnologias virtuais pelos sujeitos da pesquisa, visto que o isolamento social foi uma das medidas para evitar a disseminação da Covid-19. As atividades das escolas da rede estadual foram suspensas no dia 17 de março de 2020, conforme decreto do governador do estado Rui Costa nº 19.529 de 16 de março de 2020, e não ocorreu o retorno das atividades escolares de forma presencial até a finalização da aplicação da coleta das informações da pesquisa. Foi utilizado a plataforma Google Meet, o tempo de duração do GF foi de duas horas.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). No intuito de resguardar o sigilo, a privacidade e o anonimato dos participantes, foram utilizados nomes de personalidades negras. Foi 01 encontro virtual, com o objetivo de promover uma discussão sobre a temática do enfrentamento da violência de gênero e como esta poderia ser desenvolvida nas escolas do campo.

O GF foi dividido em três etapas: A primeira etapa foi intitulada de sensibilização da temática; levados a efeito nesse novo espaço em que se conseguiu prender a atenção das pessoas e “reunir em um só meio várias formas de expressão, tais como texto, som e imagem” (MARCUSCHI, 2010, p. 16).

A segunda etapa foi o aprofundamento para a melhor compreensão do assunto e sanar as dificuldades enfrentadas. Na terceira etapa ocorreu um debate em que todas expuseram as opiniões sobre o tema. Para a análise das informações foi utilizada a sistemática de conteúdo de Bardin (2011), uma metodologia passível de ser usada em qualquer forma de comunicação, estruturas ou modelos que se encontram por trás das mensagens postas em determinado cenário.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Quando se abordou o tema violência de gênero no GF, múltiplas determinações e nexos causais foram verificados, visto a ordem patriarcal e machista que os participantes

da pesquisa estavam inseridos. Uma dessas determinações foi a violência sexual sofrida pela mulher negra que mora na campo evidenciada na fala de uma participante do GF; o medo, a não denúncia, e a necessidade da implantação de uma rede de apoio na localidade para tentar amenizar os traumas desse ato é salutar para saúde física, emocional e mental desta mulher.

*Eu fui violentada e eu não denunciei nem pra polícia nem pra minha família, eu não revelei!!, eu sofri e eu tive a sorte de encontrar uma psicóloga que me ajudou, então dentro dessas redes de ajuda que existe, e é por isso, que hoje há uma revelação desses índices todos e dos casos que estamos vendo na televisão, uma coisa que nos assusta muito, principalmente se colocando no lugar de mulher, mas eu digo que o trauma de uma violência é aterrorizante. (Chica da Silva).*

No que tange o trato do conhecimento a respeito da violência de gênero, Lélia Gonzalez (1994) e Angela Davis (2016) contribuíram para legitimar as experiências vividas dessas mulheres oprimidas e subalternizadas, sendo resistência frente à lógica capitalista, que suprime e invisibiliza as experiências, as memórias, as dores e a luta das mulheres negras, perante ao engessamento de uma cultura machista e patriarcal que legitima e banaliza a violência contra mulher.

E esta violência de gênero adentra aos portões das escolas do campo que, por sua vez, está inserida dentro de um contexto que reverbera as influências das ações e fatos que decorrem de situações que geram a violência como expressão da dominação patriarcal e submissão da mulher as quais foram historicamente construídas (SAFFIOTI, 2015).

*Eu tenho um caso mesmo que eu acompanho já a uns três anos de uma mãe que é solteira e tem uma filha e a menina começou a ter um comportamento na escola que os professores começaram a falar sobre ela, e aí a gente busca a família para conversar, então nesse diálogo com a mãe e com a menina, se percebe que ali tem alguma coisa muito errada, e aí na conversa ficou claro que a mãe foi abusada pelo pai dela e a filha foi abusada pelo avô, e ela não quer denunciar porque não quer revelar, ela quer proteger a filha [...]. Por isso que eu falei que na zona rural as coisas são mais camufladas por conta da distância, por conta das limitações da pessoa que realmente se escraviza naquela situação, e são violências que ocorrem toda a vida e muitas vezes não são expostas nem denunciadas. (Anastácia)*

Esta fala evidencia a implicação que a violência de gênero tem no ambiente escolar, bem como traz uma reflexão acerca que o tema deve ser problematizado, haja vista que ainda é velado no ambiente escolar, devido à construção histórica, social e cultural da sociedade, que é arraigada pelas relações de poder e pelo moralismo.

*nossa colega lá de Humildes, ela conhece muitos casos, mesmo porque ela participa da escola a muito tempo, mas tem muitos casos ainda que ficam no segredo da mãe e do diretor, porque às vezes eles vem numa pessoa um apoio de revelar a sua situação e saber que pela ética a confiança não vai ser exposto, eles veem uma oportunidade de falar e a gente fica numa situação que não pode dar um próximo passo por conta da situação que é apresentada. (Chica da Silva).*

O GF trouxe proposições e reflexões acerca das facetas que a violência de gênero está perpetrada na sociedade campesina, a qual o espaço escolar pode ser o ambiente propício para o enfrentamento e para fomentar práticas de desnaturalização deste tipo de agressão. Para isso, é necessário identificar as práticas escolares da escola do campo. As três escolas participantes da pesquisa relataram que as ações são pontuais e apenas para solucionar problemas específicos/particulares de cada UE, que também está elencado a postura/ação do professor que se predispõe a se envolver com a situação ocorrida.

*Lá na nossa escola a gente já viveu algumas situações de violência contra nossas alunas, inclusive no noturno algumas situações de violência que a gente precisou intervir, conversar, chamar a família, nós tivemos realmente que tomar a frente [...] era o tempo todo a gente convivendo com situações de violência contra nossas alunas, eram meninas muito novas que sofriam violência dos namorados, as vezes de um padrasto, um namorado da mãe. (Dandara)*

Foi notado que é imprescindível a construção de estratégias de enfrentamento à violência de gênero. Para tanto, o Estado deve garantir capacitação aos/às profissionais envolvidos/as diretamente e/ou indiretamente com estes fenômenos, proporcionando-lhes meios adequados para pensar e planejar essas ações, já que o ambiente escolar é um espaço de socialização e de transformação social em que as contradições entre os gêneros podem ser desveladas e os conflitos resolvidos. Conforme Auad (2003, p. 93) “a escola pode ser esse lugar em que as pessoas podem aprender várias coisas, criam e se tornam críticas e questionadoras”.

No GFs, não foi evidenciado a existência de ações sistematizadas para o trato sobre a temática igualdade em gêneros no PPP.

*eu acho que deve ser trabalhado projeto de vida, muitas vezes ela não sabe o que vai ser, se vai prestar um vestibular, elas ficam à margem, ficam dependentes do homem.[..] então eu acredito que a gente tem que dar esse incentivo para elas buscarem o que é uma vida acadêmica, mostrar que elas são capazes também, tanto a mulher do campo quanto a da cidade. (Maria Firmina)*

A fala de Maria Firmina retrata a necessidade de ações estruturadas para o projeto de vida, que devem estar dentro da visão de cidadão crítico do mundo pensada pela escola do campo, que tem por sua concepção, uma educação libertadora na perspectiva de que o conhecimento científico seja uma estratégia de resistência dos camponeses para manter seu modo de vida, seus saberes, sua existência social a partir do trabalho na terra (FERNANDES, MOLINA, 2005). Neste sentido, o PPP é um instrumento de planejamento cuja importância está para além de uma perspectiva de eficiência, pois permite a participação de todos com igual responsabilidade e espírito de cooperação, pautada na visão de sociedade, nos paradigmas educacionais e no entendimento da escola como espaço de decisão e de gestão democrática (VEIGA, 2007).

Sendo assim, se torna urgente um debate sobre a sistematização e implementação de ações de enfrentamento a violência de gênero dentro da escola, legitimando sua implantação dentro do PPP com o intuito de desnaturalizar a violência contra mulher.

Para tal, se faz necessário a escuta e articulação entre pares, para contemplar essa demanda de forma efetiva e estruturada, possibilitando que os professores se sintam confortáveis e confiantes para trabalhar a temática no ambiente escolar, respeitando as particularidades de cada comunidade.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho se baseou na concepção de que a violência de gênero é consequência de uma concepção desigual entre homens e mulheres, constituída por um processo histórico e hegemônico em que prevalece a ideia do homem como o sujeito em posição superior à mulher.

A aplicação do grupo focal foi importante para vislumbrar as nuances que reverberam dentro do ambiente escolar na visão dos professores. O estudo mostrou que as escolas não desenvolviam atividades alusivas à temática de forma estruturada, agindo de maneira pontual à medida que surgiam as demandas das/os estudantes, destacou a necessidade de um aprofundamento formação das/os professoras/es e demais profissionais da educação para abordar o assunto de maneira coerente e sistematizada com o objetivo de desnaturalizar atitudes machistas e preconceituosas em relação ao gênero.

A elaboração do curso de formação para as/os profissionais da educação foi uma necessidade elencada pelos professores e percebida pela pesquisadora como uma ação potente, enriquecedora para fomentar práticas de enfrentamento à violência de gênero

solidificadas, embasadas em conceitos/conteúdos para incentivar a igualdade entre mulheres e homens do campo.

## REFERÊNCIAS

- AUAD, Daniela. **Feminismo: que história é essa?** Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2003, 112 p.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016, 262 p.
- FERNANDES, Bernardo Maçando. MOLINA, Mônica Castagna. O campo da Educação do Campo. IN: MOLINA, Mônica Castagna e JESUS, Sonia M.S.A. (Orgs.). **Por uma educação do campo – contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo**. 2. ed. Brasília, DF: Articulação Nacional “Por uma Educação do Campo”, 2005.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**. Anpocs. p. 223-244. 1984.
- HETKOWSKI, T. ; VIANA, G. C; FERREIRA, A. F. Mestrado Profissional em Educação: construção de um percurso à Pesquisa Aplicada e de Intervenção. In: **XIV Simpósio Internacional IHU – Revoluções Tecnocientíficas, Culturas, Indivíduos e Sociedade**. Out. 2014. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/publicacoes/mais-publicacoes>. Acesso em: 05 jul. 2020.
- MORGAN, David L.. **Focus group as qualitative reseach**. Qualitative Research Methods Series. 16. London: Sage Publications, 1997.
- MARCUSCHI, L. A. "**Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**". In: MARCUSCHI, L. A. e XAVIER, A. C. (Orgs.). 3ª Ed. Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido. São Paulo: Cortez, 2010.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero Patriarcado Violência**. 2. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015, 158 p.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo da Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1.ed. – 21. Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2012.
- VEIGA, Ilma Passos (Org.). **Projeto Político-Pedagógico da escola: uma construção possível**. 23. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2007.